

Educação e Humildade

do *Didascalicon* de Hugo de S. Vítor
Traduzido e comentado por Rafael Falcón



<p>De humilitate.</p> <p>Principium autem disciplinae humilitas est, cuius cum multa sint documenta, haec tria praecipue ad lectorem pertinent: primum, ut nullam scientiam, nullam scripturam vilem teneat, secundum, ut a nemine discere erubescat, tertium, ut cum scientiam adeptus fuerit, ceteros non contemnat.</p> <p>multos hoc decipit, quod ante tempus, sapientes videri volunt. hinc namque in quendam elationis tumorem prorumpunt, [773D] ut iam et simulare incipiant quod non sunt et quod sunt erubescere, eoque</p>	<p>Capítulo 13: Humildade</p> <p>O princípio da educação é a humildade, a respeito da qual, embora haja muito que ensinar, três coisas tocam principalmente ao estudante: primeiro, que não julgue vil nenhum conhecimento e nenhum escrito; segundo, que não lhe envergonhe aprender com ninguém; terceiro que, tendo adquirido algum conhecimento, não despreze as outras pessoas¹.</p> <p>Muitos são enganados² pela vontade de parecerem sábios antes do tempo. Por isso irrompem numa altivez inflada³, de modo que começam a simular⁴ o que não são, e envergonhar-se do que são⁵; e afastam-se ainda mais da sabedoria, na medida em que</p>
--	--

¹ Isso não passa de um resumo didático do restante do capítulo, que cumpre a função de render os leitores *dociles*, mais capazes de aprender, por já anteciparem algo do que será dito. Assim, nada aqui deve ser interpretado isoladamente. Quando Hugo nos exorta, por exemplo, a *não ter por vil nenhum escrito*, não está contradizendo o que aconselha depois, que *fuja dos autores de doutrinas perversas como se fossem veneno*. A palavra “nenhum” não tem o sentido totalizante que alguns gostariam de emprestar-lhe: sua generalidade é aquela típica dos resumos, e não a dos axiomas filosóficos.

² A densa psicologia desse parágrafo pode escapar ao leitor por causa da linguagem simples e desprezível. A “vontade de parecer sábio antes do tempo” não consiste numa intenção totalmente consciente, maquiavélica, de fingir ser o que não é, mas antes numa *confusão* entre o que se deseja e o que se é; por isso Hugo diz que esse impulso de parecer sábio *multos decipit*, “engana, ludibria”, sugerindo que o vaidoso não tem consciência perfeita do que faz, mas é como que levado a isso, talvez sem perceber que se desvia do caminho.

³ O *tumor elationis* é, literalmente, um “inchaço de elevação”; isto é, a pessoa começa a comportar-se com certa seriedade excessiva, que não lhe convém no seu estado atual. A metáfora com inchaços é típica da cultura clássica, e já a encontramos na fábula em que uma rãzinha, desejando tornar-se grande como um boi, enche o próprio peito de ar até explodir. O inchaço é um crescimento antinatural, precisamente como o orgulho, que consiste em crescer por fora, sem ter a substância interna que, em condições normais, causaria o aumento de tamanho. A palavra latina *vanitas*, de onde veio *vaidade*, significa “espaço vazio”, porque o vaidoso é como uma bexiga: embora nos pareça grande exteriormente, por dentro está apenas cheio de ar.

⁴ O verbo *simulo* tem a mesma raiz de *similis*, “semelhante”, e denuncia que as pessoas em questão desejam assemelhar-se a sábios, e por isso procuram imitá-los. A língua latina possui o verbo *imitor*, que significa especificamente “seguir os passos de alguém, imitá-lo substancialmente”, enquanto *simulo* sugere a mera reprodução da aparência. Há, portanto, a sugestão de que a vítima dessa “altivez inflada” deseja ser *como* os sábios, e por isso busca ser *semelhante* a eles, como se imitar seu comportamento superficial fosse torná-la sábia. O que mais confunde na busca pela sabedoria é que ela exige do discípulo uma constante observação de si mesmo e de suas misérias, para que ele se comporte como quem é, e não quem gostaria de ser. Falar *como se fosse* um sábio não apenas não ajuda a *tornar-se* sábio, como impede qualquer progresso do estudante.

⁵ O leitor talvez perceba que, no decorrer deste mesmo capítulo, Hugo exorta seus alunos a terem vergonha de ser ignorantes, o que pode parecer-lhe uma contradição. É que leu mal: de fato, aqui temos mais uma prova da acuidade psicológica do autor. É virtuoso ter pudor de desconhecer, mas esse sentimento pode assumir uma forma degradada, em que o sujeito tenta compensar sua vergonha convencendo a si mesmo e aos outros de que ele sabe o que não sabe. Assim, a vergonha resulta numa tentativa de negar a ignorância, e não de eliminá-la; para eliminar o efeito dorido, o vaidoso deseja suprimir a causa, mas apenas psicologicamente. É fácil imaginar esse processo desembocando numa neurose.

<p>longius a sapientia recedunt quo non esse sapientes, sed putari putant.</p> <p>eiusmodi multos novi, qui, cum primis adhuc elementis indigeant, non nisi summis interesse dignantur, et ex hoc solummodo se magnos fieri putant, si magnorum et sapientium vel scripta legerint vel audierint verba. 'nos,' inquit, 'vidimus illos. nos ab illis legimus. saepe nobis loqui illi solebant. illi summi, illi famosi, cognoverunt nos.' sed utinam me nemo agnoscat et ego cuncta noverim!</p> <p>Platonem vidisse, non intellexisse gloriamini. puto indignum vobis est deinceps ut me audiatis. non ego sum</p>	<p>não têm em mente serem sábios, mas assim se considerarem⁶.</p> <p>Conheço muitos desse gênero, os quais, embora lhes falte até a instrução mais elementar, não se dignam a estar senão entre os sublimes⁷, e julgam que, para fazer-se grandes, basta uma única coisa: ler os escritos ou ouvir as palavras dos grandes e sábios⁸. “Eu”, dizem eles, “os vi. Eu fui aluno deles. Eles costumavam conversar comigo, muitas vezes. Eles, os sublimes; eles, os famosos, me conheceram”. Ah, mas oxalá ninguém me conheça, e eu conheça todas as coisas⁹!</p> <p>Vós vos gloriáveis de ter visto Platão, e não de tê-lo entendido¹⁰. Julgo indigno de vós que continueis a ouvir-me: eu não sou Platão,</p>
--	--

⁶ Quando Hugo diz *putari putant*, “têm em mente se considerarem”, estende duas vezes o sentido de um mesmo verbo. Primeiro, por dizer que não “pensam em” ser sábios, mas em assim serem considerados; pois o sentido é que sua atenção está voltada, confusamente, para a aparência de sabedoria, embora eles digam a si mesmos que buscam verdadeiramente a sabedoria. Assim, o verbo *putant* vai para o domínio dos pensamentos confusos, inconscientes ou semiconscientes, uma riqueza semântica da qual não me lembro em outro autor. Hugo se aproveita da aura algo pejorativa do verbo *puto*, que já no período clássico é imantado com o sentido de “opinião”, próximo das idéias de engano e confusão. A segunda extensão semântica depende da forma *putari*, que em latim pode ser entendida tanto como passiva (“ser considerado [por outrem]”) quanto reflexiva (“considerar-se [a si mesmo]”). Hugo quer dizer ambas as coisas, mas minha ênfase vai para a segunda alternativa, que é menos óbvia: o vaidoso está buscando dar a impressão de que é sábio, aos outros e *também a si mesmo*.

⁷ Nisto reconhecemos que são os mesmos vaidosos anteriormente diagnosticados: ignoram sua formação deficiente, e se lançam aos assuntos mais elevados, sem respeitar a hierarquia dos conhecimentos. Encontra-se queixa semelhante no contemporâneo John de Salisbury, que critica os que pretendem estudar filosofia sem dominar primeiro as artes liberais. De vez que, sem a devida preparação intelectual, não podem compreender as altas disciplinas, a essas pessoas mal-formadas resta ater-se à superfície do conhecimento, seja repetindo palavras, embora as interpretem erroneamente, seja mimetizando comportamentos exteriores dos mestres, como já foi dito.

⁸ Talvez seja útil reforçar: o autor não condena que se busquem os melhores mestres, mas sim que se acredite que, meramente por estar em sua presença, pode-se progredir adequadamente nos estudos. De fato, é mais frequente que o progresso seja totalmente interrompido, não por culpa dos professores, mas porque a mesma vaidade que leva o discípulo a buscar a companhia dos grandes também o aprisiona no comportamento descrito nos primeiros parágrafos do capítulo, o qual é incompatível com os estudos sérios.

⁹ O jogo é com dois verbos de mesma raiz (*nosc-*), alternando entre dois sentidos dessa mesma raiz, de modo a mostrar o contraste entre “conhecer pessoas” (travar relações no nível meramente social) e “conhecer coisas” (saber). O vaidoso em questão confunde a sabedoria com seus acidentes, e por isso lhe parece possível substituir a trabalhosa aquisição da sabedoria pelo mero convívio com um sábio.

¹⁰ A frase deixa claro que Hugo não considera inútil conviver com um grande sábio, contanto que as condições presentes do discípulo lhe permitam acompanhar as lições; que ele não as esteja frequentando para fugir da sensação de ignorância, refugiando-se em símbolos elevados que não pode compreender.

Plato, nec Platonem videre merui. sufficit vobis: ipsum philosophiae fontem potastis, sed utinam adhuc sitiretis! rex post aurea pocula de vase bibit testeo.

quid erubescitis? [774A] Platonem audistis, audiatis et Chrysippum. in proverbio dicitur: Quod tu non nosti, fortassis novit Ofellus. nemo est cui omnia scire datum sit, neque quisquam rursus cui aliquid speciale a natura accepisse non contigerit. prudens igitur lector omnes libenter audit, omnia legit, non scripturam, non personam, non doctrinam spernit. indifferenter ab omnibus quod sibi deesse videt quaerit, nec quantum sciat, sed quantum ignoret, considerat. hinc illud Platonicum aiunt: Malo aliena verecunde discere, quam mea impudenter ingerere. cur enim discere erubescis, et nescire non verecundaris? pudor iste maior est illo. aut quid summa affectas cum tu iaceas

nem de ver Platão tive a graça¹¹. Para vós, basta: bebestes da fonte mesma da filosofia. Mas quem dera ainda tivésseis sede! *O rei, depois de áureas taças, bebe duma moringa.*

Por que enrubesceis? Ouvistes Platão; que ouçais também a Crisipo¹². Diz um provérbio: “o que tu não sabes, talvez o saiba Ofelo”¹³. A ninguém foi dado saber tudo, nem há quem, por sua vez, não tenha recebido algo especial da natureza. Portanto, o estudante prudente ouve a todos de boa vontade, e tudo lê, não desprezando escrito, nem pessoa, nem ensinamento algum¹⁴. Busca em todos, indiferentemente, o que vê faltar a si mesmo, e não pensa no que já sabe, mas em tudo o que desconhece. Daí o dito platônico: *prefiro aprender modestamente o alheio, a impor despudoradamente o que vem de mim mesmo.* Por que, então, à idéia de aprender, enrubesces, mas não te envergonhas de desconhecer? Este pudor é mais virtuoso que aquele. Ou por que afetas elevações, quando jazes no fundo? Considera, antes, o

¹¹ Aqui, como antes, o nome de Platão é como que um signo para os mestres famosos em geral, já que, evidentemente, ninguém ali poderia ter visto o filósofo grego, morto há muitos séculos. Hugo deduz ironicamente que, não sendo ele famoso, nem tendo estado na presença de um sábio famoso, não deve ser possível que ele mesmo saiba alguma coisa. Aqueles que já estiveram na presença de um grande sábio (beberam das taças de ouro), nada podem ter a aprender com alguém que nunca esteve (uma moringa de barro). O absurdo flagrante das deduções se deve ao absurdo talvez menos perceptível das premissas, e deve produzir rubor, como o próprio Hugo acusa logo em seguida, nos alunos que reconhecem ter-se comportado de acordo com essas mesmas premissas, buscando antes a companhia dos grandes do que a sabedoria.

¹² Se Platão significa “mestre famoso”, Crisipo deve representar qualquer sábio menor, pois é o nome de um estóico, discípulo tardio de Platão. Esse tipo de sábio talvez seja insignificante do ponto de vista da originalidade, mas nem por isso é menos útil para seus alunos, já que detém verdadeiramente alguma sabedoria. Hugo está sugerindo que ele mesmo seja um “Crisipo”, mas não sem certa ironia -- a mesma de quando se comparou a uma moringa.

¹³ Ofelo é um nome genérico. O sentido é que, se não sabes alguma coisa, talvez teu vizinho o saiba, ou teu primo, ou um desconhecido na rua, etc.

¹⁴ Essas afirmações, apesar de sua aparente generalidade, devem ser interpretadas com cautela, atentando para a intenção do autor no contexto presente. Alguns parágrafos depois, suas idéias a respeito serão mais bem definidas.

<p>in imo? considera potius quid vires tuae ferre valeant.</p> <p>aptissime incedit, qui incedit ordinate. [774B] quidam dum magnum saltum facere volunt, praecipitium incidunt. noli ergo nimis festinare. hoc modo citius ad sapientiam pertinges.</p> <p>ab omnibus libenter disce quod tu nescis, quia humilitas commune tibi facere potest quod natura cuique proprium fecit. sapientior omnibus eris, si ab omnibus discere volueris. qui ab omnibus accipiunt, omnibus ditiores sunt.</p> <p>nullam denique scientiam vilem teneas, quia omnis scientia bona est. nullam, si vacat, scripturam vel saltem legere contempnas. si nihil lucraris, nec perdis aliquid, maxime cum nulla scriptura sit, secundum meam aestimationem, quae aliquid expetendum non proponat, si convenienti loco et ordine tractetur; [774C] quae non aliquid etiam speciale habeat, quod diligens verbi scrutator alibi non inventum, quanto rarius, tanto gratius carpat.</p> <p>nihil tamen bonum est quod melius tollit. si omnia legere non potes, ea quae</p>	<p>que tuas forças conseguem carregar¹⁵.</p> <p>Começa muito bem, quem começa na ordem certa. Alguns, quando querem dar um grande salto, caem de cabeça; portanto, não te apresses demasiadamente. Assim atingirás com mais rapidez a sabedoria.</p> <p>Aprende de todos, de bom grado, o que não sabes; pois a humildade pode fazer comum a ti o que a natureza fez próprio de cada pessoa. Serás mais sábio que todos, se de todos quiseses aprender. Os que recebem de todos são do que todos mais ricos.</p> <p>Não tenhas por vil nenhum conhecimento, pois todo conhecimento é bom. Quanto aos livros, se tens tempo, não desprezes nenhum a tal ponto que não o leias¹⁶. Se não tirares daí nenhum lucro, nada perdes, principalmente porque não há livro, segundo me parece, que não proponha algo desejável, se for examinado no momento apropriado e com o método conveniente, e que não tenha ainda algo de especial, que o escrutinador diligente da linguagem, não tendo encontrado em outro lugar, possa colher, com tanto mais gratidão quanto maior for sua raridade¹⁷.</p> <p>Contudo, nada é bom, se toma o lugar de algo melhor. Se não podes ler tudo, lê o que for mais útil; e, ainda que tudo possas ler,</p>
--	---

¹⁵ São dois graus de vaidade, cada um acompanhado de conselhos apropriados a si: 1) para o vaidoso que se envergonha de parecer ignorante, e por isso não aceita que o instruem, ou não procura educar-se, que ele tenha mais vergonha de desconhecer, do que de aprender dos outros; 2) para aquele que, desejoso de ser sábio, imita superficialmente os sábios, crendo que assim já não lhe falta conhecimento, que reconheça sua miséria e procure fazer o que é próprio de seu estágio atual. O próximo parágrafo também se dirige a ele, sugerindo que sua vaidade tem algo de apressada, como já fora sugerido no começo do capítulo: *enganados pela vontade de parecer sábios antes do tempo*, etc.

¹⁶ A idéia, que será reforçada mais tarde, é que se leiam todos os livros, etc., *contanto que se tenha tempo disponível*, e que não haja livros melhores, mais úteis ou mais apropriados ao estágio em que nos encontramos. E que se não desprezem os livros *a tal ponto que se os não leiam*, isto é, que os estimemos o bastante, ao menos, para lê-los; uma vez lidos, alguns podem ser perfeitamente desprezados como pouco úteis ou até perniciosos. Além disso, nem todos merecem ser lidos com o mesmo grau de atenção e esforço. Não obstante, impressiona pelo arrojo essa fé do autor na utilidade de ler todo e qualquer livro, com a imposição de tão modestas condições.

¹⁷ Trata-se da divisão clássica em *res et verba*: qualquer livro possui algo aproveitável, tanto no conteúdo (*res*) como na linguagem (*verba*). Uma idéia talvez mais facilmente aceitável num tempo sem *best-sellers*.

sunt utiliora lege. etiam si omnia legere potueris, non tamen idem omnibus labor impendendus est. sed quaedam ita legenda sunt ne sint incognita, quaedam vero ne sint inaudita, quia aliquando pluris esse credimus quod non audivimus, et facilius aestimatur res cuius fructus agnoscitur.

videre nunc potes quam necessaria tibi sit haec humilitas, ut nullam scientiam vilipendas et ab omnibus libenter discas. similiter tibi quoque expedit, ut, cum tu aliquid sapere coeperis, ceteros non contempnas. [774D] hoc autem tumoris vitium hinc quibusdam accidit, quod suam scientiam nimis diligenter inspiciunt, et cum sibi aliquid esse visi fuerint, alios, quos non noverunt, tales nec esse nec potuisse fieri putant.

hinc etiam ebullit, quod nugigeruli nunc quidam, nescio unde, gloriantes, priores patres simplicitatis arguunt, et secum natam, secum morituram credunt sapientiam. in divinis eloquiis ita simplicem loquendi modum esse aiunt, ut in eis magistros audire non oporteat, posse satis quemque proprio ingenio

não se deve despender o mesmo esforço em tudo: lemos algumas coisas para que não sejamos ignorantes delas; outras, para que não nos sejam inauditas¹⁸ -- porque às vezes damos valor demais àquilo de que nunca ouvimos falar, e é mais fácil formar juízo sobre uma coisa quando se conhece seu fruto.

Agora consegues enxergar quão necessária é para ti esta humildade, de não fazer pouco de qualquer conhecimento, e aprender com todos de bom grado. Ser-te-á igualmente útil que, quando começares a saber algo, não desprezes os demais. Alguns sofrem desse ego inflado porque contemplam demasiadamente seu próprio conhecimento e, quando lhes parece que são algo, julgam que outros, aos quais não conhecem, nem são nem poderiam ser como eles¹⁹.

Daí também borbotam certos vendedores de bijuterias²⁰ que, gloriando-se não sei de quê, acusam nossos primeiros Padres de parvoíce, crendo que a sabedoria nasceu consigo, e consigo há-de morrer. Declaram que o modo de falar das Sagradas Escrituras é tão simples, que a seu respeito não convém escutar mestres, pois qualquer um pode penetrar os arcanos da verdade com seu próprio engenho. Enrugam o nariz e torcem os lábios para os que estudam as

¹⁸ Isto é, alguns livros são lidos como estudo, para que seu conteúdo seja compreendido, meditado e absorvido, mas outros são mera informação, ou notícia: basta lê-los superficialmente, conferir o que dizem, mais do que estudá-los. Essa divisão permite gradações: alguns livros pedem mais diligência, e outros, menos.

¹⁹ *Quos non noverunt*, “aos quais não conhecem”, sugere que essa presunção de superioridade, da parte do vaidoso, não se funda sobre uma comparação entre duas coisas conhecidas -- o seu conhecimento e a ignorância alheia -- mas sobre a contemplação narcisista do próprio conhecimento, que por si mesmo se julga superior a todas as potências alheias. A vaidade, assim, tenta formular a comparação entre um termo conhecido e outros infinitos termos desconhecidos, coisa evidentemente absurda. Se eu sei muito, nem por isso é impossível que outro saiba mais; presumi-lo não é apenas vicioso, é francamente estúpido. A habilidade com que Hugo expõe os vícios, não apenas como desvios de conduta, mas também como erros intelectuais intoleráveis é, como se vê, uma característica marcante do seu estilo retórico.

²⁰ Literalmente, vendedores de roupas femininas (*nugae*), termo que desde o período clássico era usado, figurativamente, para dizer “banalidades, coisas insignificantes”. As pessoas descritas não são, literalmente, vendedores, mas pregadores das Escrituras, que propõem uma doutrina pedagógica perniciosa e muito cômoda para os ignorantes como eles. Assim, Hugo os caracteriza como vendedores, porque o vendedor é uma imagem caricatural do mau orador, que persuade por meios vulgares e com intenção mercenária; e vendem nugas, porque sua doutrina, embora tentem encarecê-la com artifícios de comerciante, é na verdade coisa inútil e sem valor.

<p>veritatis arcana penetrare. corrugant nasum et valgium torquent in lectores divinitatis, et non intelligunt quod Deo iniuriam faciunt, cuius verba pulchro quidem vocabulo simplicia, sed sensu pravo insipida praedicant. non est mei consilii huiusmodi imitari.</p> <p>bonus enim lector humilis debet esse et mansuetus, [775A] a curis inanibus et voluptatum illecebris prorsus alienus, diligens et sedulus, ut ab omnibus libenter discat, numquam de scientia sua praesumat, perversi dogmatis auctores quasi venena fugiat, diu rem pertractare antequam iudicet discat, non videri doctus, sed esse quaerat, dicta sapientium intellecta diligat, et ea semper coram oculis quasi speculum vultus sui tenere studeat. et si qua forte obscuriora intellectum eius non admiserint, non statim in vituperium prorumpat, ut nihil bonum esse credat, nisi quod ipse intelligere potuit. haec est humilitas disciplinae legentium.</p>	<p>Escrituras, e não percebem que ofendem a Deus, cujas palavras possuem, de fato, uma bela simplicidade em sua expressão, e no entanto, quando seu sentido é deformado, proclamam tolices²¹. Não aconselho que se siga tal proceder.</p> <p>De fato, o bom estudante deve ser humilde e manso, alheio a preocupações vazias e tentações dos prazeres, esforçado e zeloso, de tal modo que aprenda de bom grado com todos; nunca presuma de seu próprio conhecimento; fuja dos autores de doutrina perversa como se veneno fossem²²; aprenda a investigar um assunto por muito tempo antes de julgar; não busque parecer culto, mas sê-lo; ame os dizeres dos sábios, depois de entendê-los²³, e se esforce para tê-los sempre diante dos olhos, como um espelho de seu próprio rosto; e se porventura alguma matéria mais difícil fechar-se à sua inteligência, não irrompa imediatamente em críticas, pensando que nada é bom exceto aquilo que ele mesmo consegue entender²⁴. Esta é a humildade conveniente à educação dos estudantes.</p>
--	--

²¹ Nota-se, mais uma vez, a distinção entre *res* e *verba*: a linguagem das Escrituras é simples, porque pertence ao gênero humilde, mas seu sentido pode ser facilmente distorcido; daí surgem *insipida*, coisas sem sabor ou até amargas, que a inteligência e a vontade não podem aceitar sem deformar-se. Fato corriqueiro no mundo de hoje, em que a cada dia se abre uma nova igreja com interpretações cada vez mais frouxas da Bíblia, para não falar de outras tantas que são simplesmente depravadas.

²² Conselho particularmente chamativo, por parecer contraditório com o anterior, de que se leiam todos os livros. Talvez Hugo de fato exclua as *doutrinas perversas* (expressão que sugere particularmente a teologia herética) do que aconselhou em relação a “todos os livros”; ou talvez queira dizer que, tendo constatado que certo autor ensina perversões, não se deve estudá-lo, mas meramente lê-lo para informar-se e, quiçá, refutar suas heresias.

²³ Porque amá-los sem tê-los entendido é sinal daquele apego pelas aparências de sabedoria, em que mais interessa amar as palavras, do que aquilo que elas dizem. De fato, o conselho seguinte é um lembrete de que os dizeres dos sábios devem não apenas ser compreendidos, mas também confrontados com nossa miséria atual, para que não nos contentemos em repeti-los, mas reconheçamos quão longe estamos do que nos aconselham, e procuremos praticar na vida aquilo que aprendemos nos livros; condição sem a qual não há sabedoria possível.

²⁴ Sentimos despeito por aqueles que nos recusam, e também pelo conhecimento, quando ele, por ser pouco adaptado aos nossos dotes naturais, parece repelir-nos e odiar-nos. Isso foi suficientemente demonstrado na fábula da raposa e das uvas. E também amamos aquilo que sabemos, porque, uma vez tendo assimilado o conhecimento, ele se torna parte de nós, e acabamos por amá-lo como a nós mesmos.